

Fome

- O PROFETA ESQUECIDO.....2
- UMA QUESTÃO ANTIGA.....2
- A ECONOMIA DA MISÉRIA.....3
- AS UTOPIAS PERDIDAS.....3
- O QUE É A CAMPANHA.....4 e 5
- O POEMA E A BOMBA.....6
- CRÔNICAS DA FOME.....6 e 7
- O MAPA DA VERGONHA.....8
- AS RAZÕES DA FOME.....8

A24863-1

Foto de Sebastião Salgado



A alma da fome é política

HERBERT DE SOUZA*

A fome é exclusão. Da terra, da renda, do emprego, do salário, da educação, da economia, da vida e da cidadania. Quando uma pessoa chega a não ter o que comer, é porque tudo o mais já lhe foi negado. É uma espécie de cerceamento moderno ou de exílio. A morte em vida. O exílio da Terra.

A alma da fome é política.

A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria. Um modo perverso de dividir o mundo em dois, produzindo um gigantesco *apartheid*. Nesse campo, fizemos verdadeiros milagres de desenvolvimento. Um dos maiores PIBs do mundo abraçado com a pobreza e a miséria mais espantosa. Aqui não houve lugar para o acaso. Tudo foi produzido como obra calculada. Fria.

O resultado está aí aos olhos de todos. Uma parte ostensiva, rica, branca, educada, motorizada, dolarizada. Outra parte imensa na sombra, negra, analfabeta, dando duro todos os dias, comendo o pão que o diabo amassou em cruzeiros reais. Dois mundos no mesmo país, na mesma cidade, muito próximos pela geografia e infinitamente distantes como experiência de humanidade.

A fome é a realidade, o efeito e o sintoma. O ponto de partida e de chegada. A síntese, a ponta do novelo a partir da qual tudo se explica e se resolve. Porque a fome não é episódica, nem superficial. Revela fundo o quanto uma pessoa está sendo excluída de tudo e com que frieza seu drama é ignorado pelos outros.

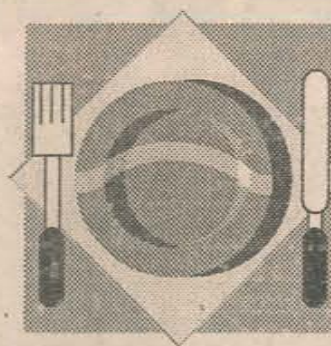
A realidade cotidiana de 32 milhões de pessoas vivendo na indigência, a população de uma Argentina. Os sem-nada, os sem-comida, habitantes do mundo da fartura, do terceiro exportador mundial de alimentos.

É gente que começa o dia buscando o que comer e que chega à noite sem nada. Pode-se imaginar o quadro porque é o de todo dia para milhões de seres humanos, a fome de comida e de tudo. A essa altura da vida da humanidade é incrível que isso aconteça. Como morrer de fome ao lado de 70 milhões de toneladas de grãos, de 8,5 milhões de hectares de terra, se todos esses brasileiros miseráveis ficariam saciados só com os 20% do desperdício?

Pela fome de 32 milhões se revela a essência humana do próprio país, aquele que é capaz de negar a condição humana para 20% de sua população. A fome é o atestado do estado de miséria absoluta e o grito de alarme que sinaliza o desastre social de um país, que mostra a cara do Brasil.

Como a miséria é a síntese e o nó de um processo, desvendar e atacar a miséria é também um modo de refazer radicalmente o Brasil. É pegar o Brasil pelo umbigo. A negação radical da miséria é um postulado de mudança radical de todas as relações e processos que geram a miséria. É uma interpelação a tudo e a todos, é um passar a limpo a história, a sociedade, o Estado e a economia. É virar o Brasil pelo avesso. No concreto.

É assustador perceber com que naturalidade fomos virando um país de



miseráveis, com que tranquilidade fomos produzindo milhões de indigentes. Acabar com essa naturalidade, recuperar o sentido da indignação frente à degradação humana, reabsolutizar a pessoa como centro e eixo da vida e da ação política é essencial para

transformar a luta contra a fome e a miséria num imenso processo de reconstrução do Brasil e de nossa própria dignidade.

Por isso é que acabar com a fome não é só dar comida, e acabar com a miséria não é só gerar emprego, mas é reconstruir radicalmente toda a sociedade, começando por incorporar agora 32 milhões de seres humanos no mapa da cidadania.

Assim como a miséria foi sendo construída com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa e se realiza com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases de existência da miséria. É uma ponte entre pessoas.

Por isso, o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas e restabelece as

bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

A luta contra a miséria nos obriga a um confronto com a realidade naquilo que nos parece mais brutal: a pessoa desfigurada pela fome, desesperada pela comida ou por qualquer gesto de reconhecimento de sua existência humana. Se a distância perpetua a miséria, a solidariedade interrompe o ciclo que a produz e abre possibilidades imensas para se reconstruir a humanidade destruída em 32 milhões de pessoas e negada em outros milhões de pessoas que vivem na pobreza.

Se a indiferença construiu esse *apartheid* monstruoso, a solidariedade vai destruir suas bases. E essa energia existe com uma força surpreendente entre nós, capaz de contagiar quem menos espera e de produzir uma nova cultura, a do reencontro.

Quando o movimento da Ação da Cidadania começou, ninguém esperava que fosse capaz de andar tão rápido, se expandir com tanta força, tocar tantas e tão diferentes pessoas, encher auditórios e se espalhar por todos os cantos do país.

Há uma tremenda força de mudança no ar, na terra. Há um movimento poderoso, tecendo a novidade através de milhares de gestos de encontro. Há fome de humanidade entre nós, por sorte ou por virtude de um povo que ainda é capaz de sentir, de mudar e de impedir que se consume o desastre, o suicídio social de um país chamado Brasil.

* Sociólogo e presidente do Ibase.



Josué de Castro denunciava a fome em 1946, e Antonio Callado revela que ele não foi o único esquecido

Amargas conclusões

JOSUÉ DE CASTRO

Através desta sondagem das condições de alimentação e nutrição do brasileiro das diferentes zonas do país, da visão sintética da situação brasileira como um todo, da análise dos fatores que interferem, de maneira mais direta, na sua estruturação, e das conseqüências que daí decorrem, podemos formular as seguintes conclusões gerais:

I — O Brasil, como país subdesenvolvido, em fase de desenvolvimento autônomo e de acelerado processo de industrialização, não conseguiu ainda se libertar da fome e da subnutrição que durante séculos marcaram duramente a sua evolução social, entravando o seu progresso e o bem-estar social do seu povo.

II — A dualidade da civilização brasileira, com a sua estrutura econômica bem integrada e próspera no setor da indústria e sua estrutura agrária arcaica, de tipo semicolonial, com manifesta tendência à monocultura latifundiária, é a principal responsável pela sobrevivência da fome no quadro social brasileiro.

III — Nenhum fator é mais negativo para a situação de abastecimento alimentar do país do que a sua estrutura agrária feudal, com um regime inadequado de propriedade, com relações de trabalho socialmente superadas e com a não-utilização da riqueza potencial dos solos.

IV — Os baixos índices de produtividade agrícola, produto da exploração empírica e desordenada da terra, a produção insuficiente pela exigüidade de terras cultivadas, apesar do enorme potencial de terras virgens do país, os insuficientes

país. Por conta dessa condição biológica tremendamente degradante — a desnutrição crônica — decorrem graves deficiências do nosso contingente demográfico. Deficiências que são conseqüências diretas dos alarmantes índices de mortalidade infantil, de mortalidade global, de mortalidade pelas doenças de massa, como a tuberculose, dos altos coeficientes de morbidade e de incapacidade para o trabalho e dos baixos índices de longevidade, expressões bio-estatísticas todas essas fundamentalmente condicionadas pelo estado de desnutrição da coletividade. A fome leva mais longe seus efeitos destrutivos, corroendo a alma da raça, a fibra dos pioneiros lutadores, que conseguiram de início vencer a hostilidade do meio geográfico desconhecido, tirando-lhes toda a iniciativa, levando-os à apatia e ao conformismo ou à explosão desordenada de rebeldias improdutivas, verdadeiras crises de nervos de populações neurastênicas e avitaminadas.

X — Nenhum plano de desenvolvimento é válido, se não conduzir em prazo razoável à melhoria das condições de alimentação do povo, para que, livre do peso esmagador da fome, possa este povo produzir em níveis que conduzam ao verdadeiro desenvolvimento econômico equilibrado, daí a importância da meta "Alimentos para o povo", ou seja, "a libertação da fome".

Esta dramática situação alimentar, expressão do subdesenvolvimento nacional e das contradições econômicas que esta situação gera no país, apresentada esquematicamente nestes dez itens ou traços mais marcantes do retrato da fome no Brasil, impõe a necessidade inadiável de uma política alimentar

Famintos na Terra de Canaã

ANTÔNIO CALLADO *

A fome, para quem come, é assunto tão desagradável que quem dele se ocupa cai no esquecimento dos povos logo que possível. Quem se lembra ainda do escritor norueguês Knut Hamsun, autor do romance *A fome?* Ele até ganhou o prêmio Nobel de literatura em 1920, pois seu livro era inovador, pai de toda uma escola introspectiva. Entre seus jovens admiradores figuravam Thomas Mann, Bashevis Singer, Gorki, Kafka. Alguém se lembrará do Hamsun mau-caráter, que foi a favor da invasão nazista da Noruega, e evocará o belo e radical axioma de Hélio Pellegrino: nenhum fascista é grande escritor? Mas não foi por isso que Hamsun caiu no olvido, e sim porque tratou da fome, e a fome é autofágica, devora os que falam em seu nome e a denunciam. Imagino que isto se deve ao fato de que, principalmente nos países mais esfomeados, manda quem come. A regra é sem exceção, só manda quem come, quem chega ao poder põe-se a comer. Escorçada logo do palácio, e das casas mais próximas, a fome vira tabu, e seus inimigos são trancados num poço, o poço do esquecimento. E é sobretudo nos países visceralmente — eu ia quase dizer profissionalmente — esfomeadores como o Brasil, que o povo vive superlotado como um Carandiru, uma porta da Candelária.

Em 1953 andei fazendo umas reportagens sobre o Nordeste que, naquele ano, para variar, amargava uma seca. Na Paraíba, o sofrimento do povo me pareceu bem menor do que no Ceará ou em Alagoas. É que o governador da Paraíba prestava uma atenção especial ao problema da



Foto de João Mário de Aquino Nunes

miséria total e da morte pela fome. Mandava parar todas as máquinas de abrir estrada ou de cavar açude para dar emprego a lavradores que não conseguiam tirar mais nada de seus minifúndios calcinados. O governador se chamava José Américo de Almeida e tinha inaugurado o ciclo do romance nordestino publicando, em 1929, *A bagaceira*. Uma de suas máximas, numa espécie de pórtico que escreveu para o romance, dizia: "Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na Terra de Canaã." A Terra de Canaã, onde se continua a morrer de fome à vontade, era sobretudo a sua, o Nordeste, das frutas dulcíssimas e de uma invejável capacidade de produzir alimentos o ano inteiro, graças ao uso tanto da irrigação quanto do *dry farming*. Apesar da sua literatura e de uma longa e fecunda carreira política, José Américo é um nome quase esquecido.

Outra eminente vítima da fome foi Josué de Castro, autor de um livro, *Geografia da fome*, que ganhou mundo e acabou se ampliando e se fixando na *Geopolítica da fome*, traduzida para tudo quanto é idioma. A edição americana do livro teve prefá-

cio de Pearl S. Buck, prêmio Nobel de literatura, e a inglesa de Lord John Boyd-Orr, prêmio Nobel da paz. Cientista, professor universitário, Josué, além disso, era um homem alto, elegante, com fama de namorado de sucesso nas altas esferas, o que sempre ajuda. Seu livro, nos anos 50, teve o valor reconhecido de Washington a Moscou: ganhou, respectivamente, o prêmio Franklin D. Roosevelt, da Academia Americana de Ciências Políticas, e o Internacional da Paz. Josué foi, nesse tempo, presidente da FAO, que cuida, para as Nações Unidas, da alimentação e da agricultura no mundo.

Mas a fome estava atenta, principalmente no Brasil, onde exige silêncio e água fresca à sua volta. Em 1964 Josué teve seus direitos políticos cassados e foi demitido do cargo de embaixador junto à ONU, em Genebra. Morreu em Paris, em 1973.

Em Josué de Castro pensei, ao folhear de novo outro antigo livro, que cuida também dos que não têm o que comer, e que fez o maior sucesso nos anos 70: *O mercado da fome*, de Susan George, uma americana que durante dois anos foi *fellow* do

Transnational Institute, de Washington, onde participou da elaboração de um relatório para a Conferência Mundial de Alimentos. A edição brasileira do livro não se deu o trabalho de reproduzir o índice onomástico que o original certamente continha. Mas procurei em vão, em *O mercado da fome*, o nome de Josué de Castro. Isto não significa que não seja excelente o trabalho de Susan George, movido por aquele espírito missionário que os americanos ainda demonstram às vezes. Mas Susan não fala em Josué, porque ele já então caíra no esquecimento. E sou capaz de apostar que os novos livros sobre a fome não falam em Susan.

É preciso que a guerra de Betinho contra a fome só acabe no dia da rendição incondicional da fome. Mesmo antes de se tornar o grande país tão prometido e tão adiado, o Brasil tem os meios, os recursos, os viveres suficientes para matar a fome de todos os seus filhos. Precisamos da imediata rendição incondicional da fome no Brasil para que Betinho e sua campanha não caiam no esquecimento.

gens do país, os insuficientes meios de transporte e de armazenagem dos produtos, se constituíram como fatores de base no condicionamento de um abastecimento alimentar insuficiente e inadequado às necessidades alimentares do nosso povo.

V — A inflação, provocando uma alta contínua dos preços dos produtos alimentares e a baixa capacidade de compra de largos setores de nossa população, principalmente na zona rural, tem acentuado as dificuldades do abastecimento alimentar adequado de uma grande parcela do povo brasileiro.

VI — Apesar dos esforços realizados, dos programas de educação alimentar e de extensão agrícola que procuram disseminar pelo país os conhecimentos fundamentais e práticos da ciência de alimentação, constitui ainda a ignorância destes fundamentos um fator de agravamento da dieta pela má aplicação por parte do povo de suas escassas disponibilidades financeiras.

VII — Também fator de agravamento da situação alimentar tem sido o surto de expansão industrial do país, sem o paralelo incremento da produção agrícola, de forma a atender à crescente procura de alimentos de uma população que procura elevar os seus padrões de vida, principalmente nas cidades.

VIII — A alimentação do brasileiro se mostra assim imprópria em toda a extensão do território nacional, apresentando-se em regra insuficiente, incompleta e desarmoniosa, arrastando o país a um regime habitual de fome — seja de fome epidêmica, como na área do sertão, exposta às secas periódicas, a do Nordeste açucareiro e a da monocultura do cacau, seja de subnutrição crônica, de carências mais discretas, como nas áreas do Centro e do Sul.

IX — A fome, tanto global como específica, expressa nas inúmeras carências que o estado de nutrição do nosso povo manifesta, constitui, sem nenhuma dúvida, o fator primacial da lenta integração econômica do

país. A fome é uma doença alimentar mais efetiva, que não seja apenas de paliativos e de correção das falhas mais gritantes, através de programas simplesmente assistenciais.

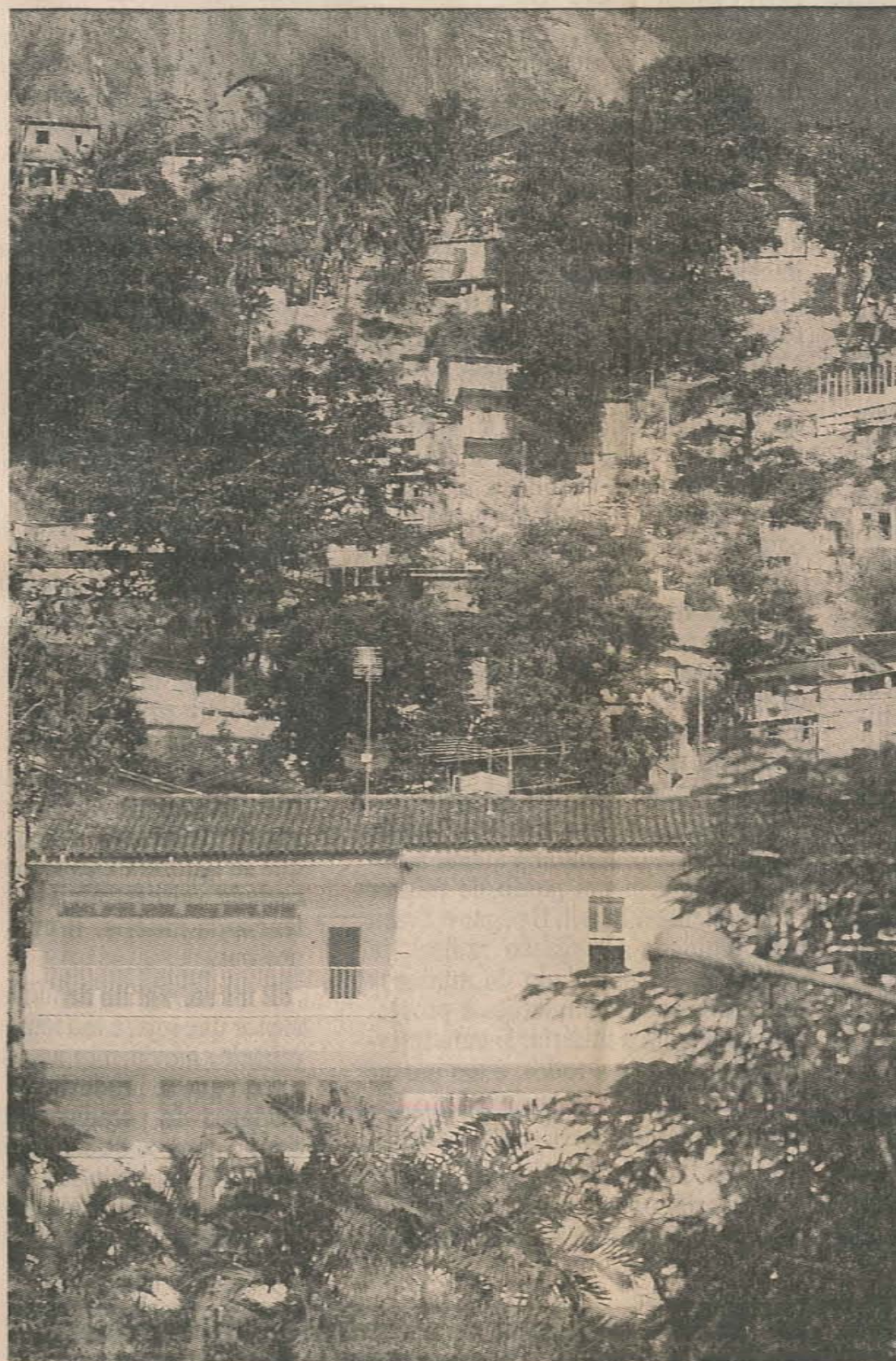
Impõe-se uma política que, acelerando o processo de desenvolvimento, quebrando as mais reacionárias forças de contenção que impedem o acesso à economia do país a grupos e setores enormes da nacionalidade, venham a criar os meios indispensáveis à elevação dos nossos padrões de alimentação. Porque a verdade é que nada existe de específico contra a fome, nenhuma panacéia que possa curar este mal como se fosse uma doença de causa definida. A fome não é mais do que uma expressão — a mais negra e a mais trágica expressão do subdesenvolvimento econômico. Expressão que só desaparecerá quando for varrido do país o subdesenvolvimento econômico, com o pauperismo generalizado que este condiciona. O que é necessário por parte dos poderes públicos é condicionar o desenvolvimento e orientá-lo para fins bem definidos, dos quais nenhum se sobrepõe ao da emancipação alimentar do povo. É dirigir a nossa economia, tendo como meta o bem-estar social da coletividade. Só assim teremos um verdadeiro desenvolvimento econômico que nos emancipe de todas as formas de servidão. Da servidão às forças econômicas externas, que durante anos procuraram entorpecer o nosso progresso social, e da servidão interna à fome e à miséria que entravaram sempre o crescimento de nossa riqueza.

O Brasil, que acaba de construir a capital do futuro, precisa arrancar o resto do país das brumas do passado, da sobrevivência de sua infra-estrutura econômica de tipo pré-capitalista, na qual vegeta até hoje mais da metade de sua população.

A vitória contra a fome constitui um desafio à atual geração — como um símbolo e como um signo da vitória integral contra o subdesenvolvimento.

* Estas são as páginas finais de Geografia da fome, livro do médico Josué de Castro, publicado em 1946.

CAPEMI. O SEGURO SEM MIOPIA SOCIAL.



NÃO BASTA SEGURAR SUA FAMÍLIA E SEUS BENS.

O que você vê ao lado é uma realidade ameaçando crescentemente a sua. Na verdade o socialismo de estado falhou e o mundo escolheu o caminho da economia de mercado.

O que você não vê é que com essa escolha um novo papel passou a ser exigido dos Agentes Econômicos. Que eles próprios se transformem em AGENTES DO BEM-ESTAR SOCIAL. Enfrentar a miséria deixou de ser um dever exclusivo do Governo.

Essa nova verdade impõe uma ação rápida de ajudar ao próximo necessitado. Veja como.

FAZER NEGÓCIOS COM A CAPEMI TRANSFORMA VOCÊ EM AGENTE DO BEM-ESTAR SOCIAL.

Desde 1960, sem interrupção, o Programa Filantrópico da Capemi já assistiu a CENTENAS DE MILHARES de pessoas, na sua maioria crianças. Neste ano de 1993, 45.000 pessoas estão recebendo alimentação, educação, assistência médica e odontológica e ensino profissionalizante adequado à demanda de mão-de-obra do local onde a Casa Assistencial está localizada.

CAPEMI. UMA ORGANIZAÇÃO TRANSCENDENTE.

Há 33 anos, a Capemi vem lutando contra a miséria e pela dignidade humana. Desde a sua fundação enxergou além dos limites dos seus interesses mais próximos. Definju seu negócio de forma ampla, baseada em uma filosofia social avançada e uma visão de futuro que hoje se mostra mais atual que nunca: FAZER A SUA PARTE COMO AGENTE DO BEM-ESTAR SOCIAL.

AO PENSAR EM PREVIDÊNCIA, SEGUROS E SAÚDE, PENSE CAPEMI.

Capemi

PREVIDÊNCIA • SEGUROS • SAÚDE

Rua São Clemente, 38 • Botafogo • Rio de Janeiro • RJ • CEP 22260-900 • Fax: (021) 537-1356 • Tel.: (021) 286-5522 • E mais 36 Agências em todo Brasil.

Alcione Araújo fala do papel dos intelectuais e Theotônio dos Santos lembra o inspirador da campanha.



Dar o peixe ou ensinar a pescar?

ALCIONE ARAÚJO*

Romancistas, poetas, compositores, dramaturgos e diretores de teatro, roteiristas e diretores de cinema e televisão, quantos, na produção cultural, que se dedicam à atividade dita pensante, prescindem de argumentos adicionais para apoiar uma ação urgente contra a fome e a miséria. A maioria apóia incontinenti. Alguns apoiam com restrições. Poucos são contra.

Há um ponto de difícil entendimento, às vezes de discordância aberta, entre a Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida e alguns poucos e respeitáveis intelectuais, que entendem a campanha como assistencialista e paternalista.

É estimulante quando as legítimas dúvidas e restrições partem dos mais responsáveis e comprometidos, que querem — e podem — erguer os olhos do próprio umbigo e dedicar-se a algo que não seja apenas o conveniente à própria carreira. Não há argumentos contra os que criticam com o ceticismo cínico de quem quer apenas justificar a inação. E os que debocham, o melhor é que continuem debochando — já que esta é a melhor contribuição que podem oferecer.

Desde o século passado, a maioria dos intelectuais cultivou uma fé religiosa na utopia igualitária. Na esperança da revolução redentora, a palavra de ordem era ensinar a pescar. Dar o peixe era o pecado assistencialista, que retardava o processo revolucionário. Mas a prova prática da filosofia marxista perverteu-se na incompetência e ineficiência do capitalismo de Estado. E o muro de Berlim desabou sobre as cabeças esperançosas, soterrando a utopia igualitária que o sonho humano sempre acalentou e a arte edulcorou em visões paradisíacas. Hoje sabe-se: o capitalismo não acaba com a miséria. O socialismo também não. Não há mais sonho nem utopia. Resta apenas a concretude tenebrosa da miséria.

O Estado brasileiro — por roubar, corrupção, incompe-

pode levar o Estado a cumprir o seu papel.

O grande achado, a fantástica e singela invenção são os mais de dois mil comitês espalhados pelo Brasil, criados, sem formalidades jurídicas, sem licenças nem alvarás, por cidadãos que se reúnem, discutem seus problemas, elegem suas prioridades e decidem suas ações e estratégias com independência e autonomia. Assim pode-se formar um cidadão consciente e solidário, assim pode-se construir uma sociedade civil ativa e articulada. Assim pode-se implantar uma democracia.

Mas, enquanto isso não se concretiza, o que acontecerá com o habitante — não se pode sequer falar em cidadão — destituído de tudo, que não tem nem mesmo o que comer? Ele morrerá, como têm morrido milhares, se alguém não lhe der comida. E urgente, porque quem tem fome tem pressa. Isso é o que chamamos de momento emergencial. Um gesto de solidariedade para atender a uma emergência. Acalmem-se os afoitos: ninguém é ingênuo de sugerir que a sociedade se comprometa a alimentar definitivamente os miseráveis.

A doação de alimentos tem a importância óbvia de ajudar a aliviar a fome que grassa no país; mas tem também um alto valor simbólico na conscientização em relação à fome. A materialidade do alimento doado, manipulado pelo doador como um inusual ingresso para se assistir a um show, por exemplo, resgata uma herança da civilização judaico-cristã, que sempre ritualizou o alimento como uma espécie de passagem para o transcendente. O pão e o espírito são a dupla essencial da dialética humana.

A extraordinária sensibilidade e intuição do Betinho foi perceber, nesse momento brasileiro de desencanto e desalento, de absoluta falta de credibilidade nas instituições, na política e nos políticos, que a arte e os artistas — por natureza profetas de um mundo mais justo e mais humano — ainda merecem o afeto e o respeito da população. E sua convocação foi como conselho de irmãos mais velho. Um sopro de

THEOTONIO DOS SANTOS*

Em setembro de 1973, há 20 anos, morria no exílio, aos 65 anos de idade, o precursor e inspirador do amplo movimento de Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria pela Vida, que hoje percorre o Brasil. Este movimento aparece como uma súbita tomada de consciência da realidade social e humana deste país. Mas é inegável que ele deve muito a Josué de Castro (1908-1973), que ganhou o seu grande prestígio nacional e internacional, ao publicar, em 1946, seu livro mais conhecido, *Geografia da fome*, recém-reeditado pela Livraria e Editora Forense, Gryphus. O livro foi traduzido em 25 idiomas, transformando-se num dos títulos de ciências sociais mais conhecidos mundialmente.

Jorge Amado — que como Raquel de Queiroz, Cândido Portinari, João Cabral de Melo Neto e tantos outros grandes escritores e artistas brasileiros que tanto se inspiraram em seus escritos — dizia num livro comemorativo dos 50 anos de Josué: “Josué de Castro levou o nome do Brasil e a qualidade de sua cultura aos quatro cantos do mundo!... Por onde tenho passado, país capitalista, socialista, subdesenvolvido, povo da Europa, da Ásia, da África, na Índia de Nehru e na Islândia de Laxness, na severa Birmânia e na doce Itália, invariavelmente perguntaram-me pelo escritor brasileiro. Falaram-me de seus livros e de sua obra como coisas capitais, de importantes realidades de nosso tempo... Se Josué de Castro fosse europeu, seu cinquentenário seria dia de festa nacional em sua pátria.”

Em 1949, Josué de Castro publicou a *Geopolítica da fome*, que traçava um quadro deste flagelo a nível mundial. A importância do seu trabalho foi reconhecida particularmente com a sua eleição para presidente do Conselho da Organização de Alimentação

denação do ano internacional Josué de Castro. Ela continua extremamente atual, pois, além dos avanços metodológicos e teóricos que trouxe, o tema da fome e da miséria continua, infelizmente, a devastar a humanidade, mas principalmente o próprio país de seu autor, o Brasil, e seu próprio estado, Pernambuco.

Um dos gritos de alerta do Centro Josué de Castro, em Pernambuco, mostra a gravidade deste fato, ao fazer circular pelo país uma exposição sobre o “homem gabiru”, uma das poucas populações humanas que diminuiu o seu tamanho no mundo atual, apresentando uma tendência secular ao ananismo. Herdeiro genético da fome do Nordeste, o “homem gabiru” é o triste retrato deste fenômeno que a *Geografia da fome* descreveu com detalhe e precisão, numa linguagem viva e dramática.

Mas Josué de Castro foi fundo na busca das causas desse quadro de fome. Ele foi à busca do processo de colonização e de seu caráter predatório baseado na busca do lucro fácil, do atendimento dos apetites e necessidades dos povos colonizadores, da implantação de regimes de trabalho servis. Destacou ainda o peso atual desta herança numa agricultura dominada pelo latifúndio, numa industrialização baseada no protecionismo e na inflação, numa urbanização desequilibrada e incapaz de absorver os trabalhadores vindos do campo e de gerar um mercado urbano capaz de estimular uma economia agrícola moderna.

Ele alertava ainda para uma centralização econômica que abandonava as regiões mais pobres à sua própria sorte. Durante os anos de crescimento econômico vitorioso, Josué era um dos poucos que criticava, de forma contundente, um crescimento industrial que marginalizava a agricultura e acentuava a concentração da renda e a centrali-

da terra (obrigando-a somente a modernizar-se e tornar-se mais produtiva por força de um Estatuto da Terra que preservava suas propriedades antieconômicas e anti-sociais), o capital internacional e os interesses monopolistas e centralistas contra os quais alertava. Sua advertência sobre o caráter paradigmático da evolução da sua Recife deve fechar estas observações para mostrar-nos sua atualidade: “O que os sociólogos chamam de ‘cidades inchadas’, como a do Recife, com 200 mil marginais improdutivos, oriundos do interior, são uma demonstração evidente de que, longe de se atenuar, se vai agravando no Brasil, nos últimos tempos, o desequilíbrio entre a cidade e o campo. Como se agrava também o desnível entre a região industrializada do Sul e as regiões predominantemente agrícolas do Norte e do Nordeste do país, vindo a situação do Nordeste a constituir-se no mais grave problema nacional, ameaçando não só a nossa economia, mas mesmo a Segurança Nacional.”

Josué de Castro não se limitou a criticar e a apontar caminhos em seus livros e em sua cátedra. Ele colaborou ativamente com a administração pública brasileira, ao inspirar a lei do salário mínimo, ao criar e dirigir o Serviço de Alimentação da Previdência Social e a Comissão Nacional de Bem-Estar Social. Como médico que era, ele criou também a profissão de nutricionista e pesquisou o valor nutritivo de um grande número de produtos agrícolas brasileiros, além de estudar as doenças alimentares mais graves do nosso povo. Médico de formação, estudou também as ciências sociais e a filosofia e foi professor de Geografia Humana na Universidade do Brasil e do Recife.

Deputado federal por Pernambuco, foi fundador e dirigente da Frente Parlamentar Nacionalista e ativo parlamentar. Desde 1960, foi conside-

brasileiros comprometidos com o destino do nosso povo.

No exílio, prosseguiu sua obra pioneira e “profética” (como a definiu Alceu Amoroso Lima) como professor da Universidade de Paris (Vincennes) e como presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento, com sede em Paris. Josué aprofundou, no exílio, suas qualidades literárias. Seu romance *Homens e caranguejos* foi traduzido em vários idiomas e adaptado para o teatro por Gabriele Cousin. Roberto Rossellini, cineasta italiano, tentou adaptar *Geografia da fome* para o cinema, projeto que se frustrou no meio do caminho, após sua vinda ao Brasil.

Josué aprofundou sua visão ecológica da geografia humana que influenciou tão fortemente a ONU para a realização da famosa Conferência de Estocolmo, em 1972, sobre ecologia e meio ambiente. Esta conferência (na qual a ditadura militar se opôs à defesa do meio ambiente, em nome do desenvolvimento) deu origem, 20 anos depois, à segunda Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Esta se realizou em seu próprio país, sem que a ele se fizesse nenhuma referência como precursor do enfoque ecológico dos problemas humanos.

Seus trabalhos deste período foram publicados sob o título: *Fome: um tema proibido*. Mas ninguém é profeta em sua própria terra. Sobretudo quando ela está devastada por 25 anos de ditadura militar que o perseguiu e o exilou. E o exílio o matou ainda produtivo, no esplendor de sua criatividade e de seu encanto pessoal, que todos os seus amigos e familiares são unânimes em destacar.

Morte lenta, que ele previu na sua única e difícil viagem ao Brasil, depois do exílio, quando um amigo admirou-se do seu ar absorto e o interpelou: “Está triste, professor?”. E ele respondeu:

mais sonho nem utopia. Resta apenas a concretude tenebrosa da miséria.

O Estado brasileiro — por roubar, corrupção, incompetência, malversação, desperdício, corporativismo, fisiologismo e todas essas surradas mazelas que dão ânsia de vômito — mal tem recursos para o seu próprio custeio, e gasta o que não tem na agiotagem da rolagem da dívida. Numa palavra, para não avançar nesse papo de tecnocrata, o Estado brasileiro faliu. Não tem meios nem projetos consistentes para acabar com a fome e a miséria. E, se o Estado não pode fazer, quem fará? Acalmem-se os afoitos: não se está sugerindo que a sociedade assuma o papel do Estado. Mas é importante compreender: é a sociedade que muda o Estado, não o contrário.

Nesse Brasil, de Estado falido e sem o alento de uma utopia, a pecha assistencialista ficou extemporânea. Não se dá o peixe, nem se ensina a pescar, simplesmente porque não há mais rio. Seu curso foi desviado para o oásis da minoria que controla a riqueza e o poder. O sertão não virou mar.

Por outro lado, o cidadão que, escorchado por impostos e mais impostos, mantém este Estado mastodôntico e recebe, em troca, o escárnio de um serviço incompetente, aviltante, humilhante, ganha consciência da importância do seu papel e assume, acima das religiões, dos partidos políticos e das demais diferenças, a vanguarda da ação. É a ação da cidadania, a sociedade mobilizada que

mundo mais justo e mais humano — ainda merecem o afeto e o respeito da população. E sua convocação foi como conselho de irmão mais velho. Um sopro de alento que nós todos secretamente esperávamos, mas que não atinávamos de onde nem de quem viria. Uma palavra grávida da certeza de que ainda valia a pena tentar fazer alguma coisa foi o quanto bastou para que nos entregássemos de corpo e alma à campanha. E com um expressivo ganho adicional: depois de muito tempo de isolamento, a classe artística se reúne, se reconhece, se solidariza.

Onde há miséria não pode haver democracia. Um homem com fome não pode cumprir os seus deveres nem exigir os seus direitos. Mas a miséria só será definitivamente vencida com a solução dos problemas estruturais: criação de empregos, melhor distribuição de renda, escolas, hospitais, moradias, saneamento básico, reforma agrária etc. E isto não é um sonho. Tem sido tratado como algo impossível para encobrir a falta de vontade política dos que decidem. Mas, acredite, a miséria pode ser objetivamente extirpada dessa terra. Pode e precisa ser extirpada, sob pena de o tecido social, já esgarçado, se romper irreversivelmente. Indignar-se contra a miséria é não só um sinal de humanidade, como um dever de todo cidadão. Como diz o Betinho, "fazer pouco é melhor do que não fazer nada." Faça pelo menos um pouco: indigne-se!

* Dramaturgo.

a nível mundial. A importância do seu trabalho foi reconhecida particularmente com a sua eleição para presidente do Conselho da Organização de Alimentação e Agricultura, em 1952. A importância de seus livros é reconhecida até hoje, quando seus textos são lidos por alunos dos cursos secundários da França e do Canadá.

Posso testemunhar o interesse mundial por sua obra, tantos anos depois, ao assumir a coor-

poucos que criticava, de forma contundente, um crescimento industrial que marginalizava a agricultura e acentuava a concentração da renda e a centralização econômica. Pode-se ter uma síntese de suas idéias nas conclusões gerais da *Geografia da fome* que se publica neste número e que mostra a atualidade de seu pensamento.

Infelizmente, seu alerta não foi ouvido. O golpe de 1964 reinstalou no poder a oligarquia

Deputado federal por Pernambuco, foi fundador e dirigente da Frente Parlamentar Nacionalista e ativo parlamentar. Reeito em 1960, foi enviado, em 1962, para Genebra como embaixador do governo João Goulart, diante das organizações internacionais aí sediadas. Os autores do golpe de estado de 1964 cassaram seus direitos políticos e o demitiram de seu cargo, como fizeram com a maioria dos

sua única e única viagem ao Brasil, depois do exílio, quando um amigo admirou-se do seu ar absorto e o interpelou: "Está triste, professor?". E ele respondeu: "Não, estou meditativo e absorto, pensando na vida. Em meus raciocínios e reflexões, tenho agora que concluir, passando o pente fino, que não se morre só de enfarte ou de glomerulonefrite crônica... Morre-se também de saudades".

* Economista.

CONTRA A FOME SÓ EXISTE UM REMÉDIO: VERGONHA NA CARA.

É uma vergonha termos que conviver com a fome ao nosso lado.

É uma vergonha que existam tantas pessoas com fome de comida, de abrigo, de estudo e de melhores condições de vida.

Por isso, mais do que nunca, é hora de agir. A Nova Era está colaborando com a Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida, promovida pelo Betinho, e conta com a sua ajuda. Basta você fazer doações de alimentos não perecíveis em qualquer loja Nova Era, que serão entregues diretamente aos comitês da campanha.

Participe. Esta é a hora.

NOVA ERA
HOMEOPATIA

Disk Nova Era: 266-2266

Caderno de

Esportes

2ª feira

no seu **JB**

Há 36 anos FURNAS oferta energia com qualidade à Região Sudeste. Engajada no Programa de Combate à Fome e à Miséria, soma sua energia no esforço de melhorar a qualidade de vida no País.



FURNAS
CENTRAIS ELÉTRICAS S.A.



Eletrobrás

MINISTÉRIO
DE MINAS E ENERGIA

ACABAR COM A FOME SÓ COM MUITO TRABALHO.

Gerar empregos. Essa é a principal receita para acabar com a fome no país. A Flupeme reconhece a importância de uma campanha de mobilização nacional e participa dela. Mas não podia deixar de alertar que esta campanha precisa vir acompanhada de medidas muito mais abrangentes. É necessário mudar urgentemente o atual modelo

FLUPEME

Federação Fluminense das Micro, Pequenas e Médias Empresas.

econômico do país. Deixar de lado a especulação financeira e parar de punir com altos impostos aqueles que têm iniciativa de produzir. Qualquer ação que não privilegie esta mudança estrutural corre o risco de ser tão vazia quanto o prato de 32 milhões de brasileiros. Só com trabalho para todos o Brasil vai deixar de alimentar a recessão, o desemprego e a miséria.

UM
PAÍS
TÃO
BONITO
PARA SE
VISITAR ...

... TEM QUE
SER
LINDO
PARA SE
VIVER
TAMBÉM.

soletur

Presente na Ação da
Cidadania contra a
miséria e pela vida.

A CAMPANHA

Como surgiu

Na época do governo Collor de Mello, surgiu o Movimento pela Ética na Política, que reuniu cerca de 900 entidades não-governamentais em todo o país e teve uma atuação muito importante na aceleração do processo de *impeachment* do ex-presidente. Após o *impeachment*, o Movimento decidiu partir para outra luta — mais prolongada, mais difícil, tremendamente necessária. Por entender que miséria e democracia não podem conviver — só existirá a verdadeira democracia quando não houver miseráveis no país — o Movimento lançou a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida.

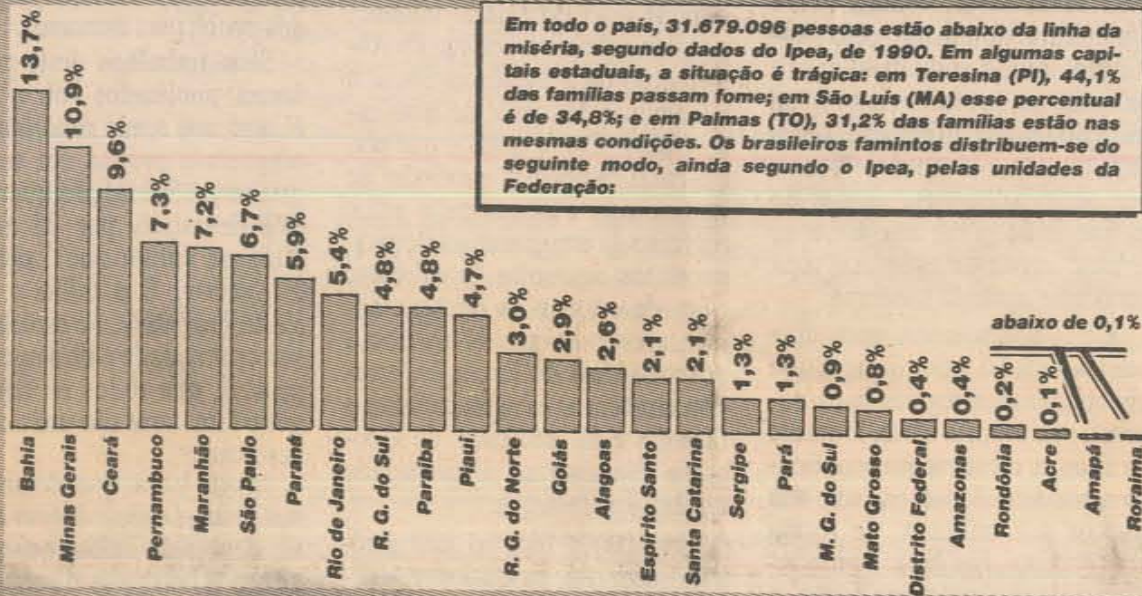
A partir da nova campanha, foi criado pela presidência da República o Conselho

Nacional de Segurança Alimentar (Consea), composto por ministros do governo e por 21 personalidades representativas da sociedade civil. O presidente do Consea é Dom Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias. Mas se o Consea tem uma estrutura oficial, e tem como objetivo pressionar os ministérios para que mudem o panorama de fome e miséria do Brasil a partir de programas oficiais, a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida — mais conhecida como a Campanha de Combate à Fome — foi criada justamente para mobilizar o cidadão comum, para conseguir que a sociedade se engaje nessa tarefa.

A Campanha de Combate à Fome é parte da grande luta. Ela não depende do governo, não depende de ninguém, além da consciência de cada cidadão.

Arte JB

A DISTRIBUIÇÃO DA FOME NO BRASIL



AJ11863-5

DE TODOS NÓS

Foto de Sebastião Sálgado







Onde estão os comitês

Os comitês que trabalham para a Campanha de Combate à Fome se espalham por todo o país. Em cinco meses, formaram-se 3.000 comitês. O primeiro deles foi fundado em Barra do Pirai, no interior do Rio de Janeiro. A cada dia que passa surge, ao longo do mapa brasileiro, novos comitês. A relação a seguir traz endereços e telefones dos comitês de algumas cidades.

Rio de Janeiro

O primeiro comitê a se organizar na cidade partiu de uma iniciativa de funcionários do Banco do Brasil. Hoje, contando com voluntários e quatro funcionários do próprio BB trabalhando exclusivamente para a campanha, o comitê Rio está dividido em grupos de trabalho de educação, saúde, saneamento básico, emprego, cultura e alimentação. As reuniões desses grupos são abertas a todos os interessados. Telefones:

(021) 276-4316/276-4560. Outros comitês no Rio:

□ **Ipanema:** distribui cerca de 80 cestas básicas por mês. Oferece ainda assessoria jurídica e atendimento médico e odontológico para a Cruzada do Menor e para o grupo Sempre Viva. Telefone: (021) 247-2675.

□ **Botafogo:** na Igreja de São João Batista, foi instalada uma central de coleta de lixo reciclável (papel, vidro, plástico e latas). E todos os sábados, das 10h às 14h, na Cobal do Humaitá, há arrecadação de doativos. Telefone: (021) 286-7435.

□ **Zona Oeste:** trabalha num projeto de aproveitamento de terras para a criação de hortas comunitárias na região. Telefone: (021) 394-9800.

□ **Gávea:** forma monitores educacionais para o trabalho na Rocinha e apóia o Hospital Miguel Couto e as crianças carentes da praça do Jóquei. Telefone: (021) 274-5522.

São Paulo

A coordenação-geral da Campanha no estado de São Paulo está instalada na seção regional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Os telefones são (011) 35-0465 e 239-5122 (ramal 224). Outros comitês:

□ **Secretaria Paulista da Ação da Cidadania:** Telefones: (011) 63-7764 e 273-0146.

□ **Fórum das Organizações Não-Governamentais:** Telefones: (011) 521-6761.

□ **Comitê da região Sul:** Telefone: (011) 521-5971.

□ **Comitê dos Funcionários da Emplasa:** Telefone: (011) 851-3422 (ramal 174).

□ **Comitê Guarulhos:** Telefone: (011) 209-9967.

□ **Comitê Osasco:** Telefone: (011) 701-7400 (ramal 233).

Além desses comitês, está sendo elaborado um cadastro das entidades de atendimento às populações carentes, com o objetivo de criar uma ponte entre aqueles que desejam fazer doações e os que precisam receber doações. Entre em contato com a coordenação da Campanha no Estado, através da OAB, no telefone (011) 239-5122 (ramal 224).

Bahia

Os comitês já existentes e os que estão sendo criados podem ser localizados através do telefone (071) 463-4649.

Brasília

Na capital federal, o comitê dos bancários está desenvolvendo projetos de geração de renda, como a construção de um galpão comunitário onde será produzido adubo orgânico para as hortas comunitárias. Haverá também oficinas e cursos profissionalizantes. Telefones: (061) 224-9536 e 224-6171.

Pernambuco

Só na região metropolitana de Recife existem 65 comitês, que vão desde os que trabalham recolhendo tiquetes-refeição até os que distribuem *sopão*, passando por um comitê que trabalha exclusivamente com comunidades indígenas carentes. O comitê do Ibama está oferecendo um programa para implantar a criação de peixes em açudes públicos, e pode ser contatado pelos telefones (081) 429-3278 e 429-3445).

Como criar novos

Os comitês, pelas próprias características da campanha, surgem de maneira espontânea, informal. Qualquer grupo pode criar o seu comitê, que deve atuar sempre junto a comunidades carentes próximas, sendo aconselhável o contato com as coordenações regionais da Campanha. Caso o comitê atue recolhendo alimentos, é importante não manter estoques, para evitar a deterioração e a corrupção.



O que você pode fazer?

Para começo de conversa, entre em contato com outras pessoas — parentes, amigos, companheiros de escola, de trabalho, de bate-papo, de clube, de torcida. Vocês podem formar seu próprio comitê, ou entrar em contato com algum comitê já existente. Ponha sua imaginação para funcionar: sempre haverá, à sua volta, alguém precisando de solidariedade. O que não se pode é ficar parado, sem fazer nada.

Ações emergenciais

A Campanha Contra a Fome faz parte de um movimento mais amplo, a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Você pode, e deve, acompanhar cada passo do trabalho que vem sendo realizado. Numa primeira etapa, estão sendo feitas ações de emergência: doações de alimentos, de tique-

tes-refeição, de roupas. Existem hoje no nosso país cerca de 32 milhões de pessoas vivendo na miséria. Ou seja: o que elas ganham não dá para comer. Metade está nas cidades, metade no campo. Não há um único município no Brasil que não tenha pelo menos 30 famílias passando fome. Os comitês da Campanha de Combate à Fome procuram mudar esse quadro. Sindicatos, igrejas, clubes, associações de funcionários, de vizinhos — tudo isso pode servir de ponto de encontro para aqueles que querem ajudar. Não há nenhum registro, nenhuma formalidade, nenhuma autorização especial. As pessoas se juntam, entram em contato com algum comitê já existente, e começam a contribuir, dentro de suas possibilidades. Só no Rio de Janeiro existem mais de 80 comitês. Veja só o resultado do trabalho feito pelo Iser (Instituto de Estudos



Religiosos) junto a um grupo de instituições: entre o dia 20 de maio e o dia 31 de agosto, foram distribuídas 15,6 toneladas de alimentos, CRS 1.530.682,90 em tíquetes-refeição e mais CRS 336.000,00 em dinheiro. Exemplos como esse podem ser encontrados em quase todo o país.

Ações permanentes

Além da estratégia mais imediata (a doação pura e simples de alimentos e recursos a quem passa fome), é preciso também criar planos e projetos que signifiquem empregos, moradias, produção de alimentos. Não se pode reduzir o trabalho de combate à fome apenas ao assistencialismo. É preciso mudar a estrutura, atuar nas causas que geram a miséria e a pobreza em nosso país. Em outras palavras: é preciso retomar o crescimento econômico, gerar empregos. A cada ano, um milhão e meio de jovens estão aptos a entrar no mercado de trabalho, mas ficam do lado de fora. Esta segunda estratégia terá

de ser abordada o quanto antes. A questão agrária, por exemplo, é parte fundamental da questão da fome em nosso país. E também a questão da produção agrícola — ou, mais especificamente, seu desperdício: afinal, 20% da produção de nossos campos acaba no lixo, enquanto 32 milhões de brasileiros não têm o que comer.

O contrato de cidadania

São muitas as maneiras de contribuir para o combate à fome, e boa parte delas depende exclusivamente da vontade de cada um de nós. No Rio de Janeiro, por exemplo, criou-se o **Contrato de Cidadania**. As pessoas se comprometem, individualmente, a contribuir, durante um ano, com alguma entidade assistencial previamente selecionada pela coordenação da Campanha contra a Fome. Você pode assumir o compromisso de doar meia cesta básica, uma cesta básica ou quantas você puder. Cada cesta básica contém oito quilos de arroz, quatro de feijão, quatro de açúcar, dois quilos de macarrão e dois

litros de óleo. É certamente muito menos do que deveria ser. Mas lembre-se: 32 milhões de brasileiros não têm nem isso por mês.

A participação das empresas

Outro exemplo de atitude que pode — e deve — ser adotada: empresas e bancos estão adotando creches de meninos de rua. Na Bahia, a Petrobrás entregou à campanha 63 poços perfurados no sertão. Nenhum dos poços tinha o que a Petrobrás procurava: petróleo. Todos tinham água doce. Que, para quem tem fome, vale mais do que petróleo. A empresa também cedeu 270 terrenos para a criação de hortas comunitárias. Milhares de funcionários de empresas públicas e privadas estão doando tíquetes-refeição para a campanha. Ou seja: não existe nenhuma regra, nenhuma lei para os comitês. O que importa é a sua vontade de colaborar para que a vida de 32 milhões de brasileiros comece a mudar.

A campanha não é do governo

A campanha é feita pelo conjunto de ci-

dadãos dispostos a ajudar para que a vida de 32 milhões de pessoas mude para melhor. Num só dia (29 de junho), os cariocas que costumam fazer passeios noturnos de bicicleta reuniram 15 toneladas de alimentos. Em São Paulo, no show que reuniu no Memorial da América Latina os artistas Chico Buarque, Gilberto Gil, Djavan, Caetano Veloso, João Bosco e Paulinho da Viola, foram arrecadadas nove toneladas. Devem ser recolhidos apenas alimentos não perecíveis, e sua distribuição deve ser feita da maneira mais rápida possível, para evitar que ele estrague.

O que você está esperando?

Vamos acabar de vez com essa história de que é preciso levar vantagem em tudo. Dê um pouco do que é seu — seu tempo, seu trabalho, sua boa vontade, seu dinheiro, sua esperança — para quem não tem nada. E lembre-se sempre do ditado popular: **Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje.**



A multiplicação dos pães, na ótica de Nélida Piñon, e a 'bomba suja' denunciada por Ferreira Gullar

Foto de André Arruda



O primeiro milagre

NÉLIDA PIÑON *

Maria consola a fome do visitante. Só dispõe de sonhos para repartir naquela hora do dia ensolarado. O visitante resiste à benevolência humana que não lhe cura a vida. A vida se define pela abundância, esta é a rota da felicidade.

Maria, então, recorre ao filho. A partir do olhar da mãe, Jesus aceita promover o conceito da fartura. Para cumpri-lo, inaugura ali mesmo, perto de Maria, seu primeiro milagre. Decide, de um único pão, reproduzir mil outros, em um só golpe.

Abre, fulgurante, as comportas do amor, sob a guarda da mãe. Não teme empobrecer porque se privou dos próprios bens. Sob a custódia da mulher, inventa símbolos, instaura grande carnaval moral.

Inaugura, pois, a série de milagres com a reprodução dos pães. O gesto alcança dimensão cênica. Não quis milagre discreto, educado, perpetrado no escuro, no recesso do lar. Refutou também a turbulência dos amantes que, em nome da falsa generosidade da carne mutuamente saciada, interrompem as iguarias privadas da luxúria, para deixar tombar dos lábios entreabertos, em plena agitação do beijo, as migalhas do seu amor carnívoro. Decerto pensando, com o gesto distraído, atenuar a miséria de quem a vida expulsou do banquete.

Fervoroso adepto do alvoroço dos sentimentos humanos, Jesus persiste nos milagres. Aspira implantar com eles a misericórdia, erradicar a penúria. Milagre é um ato natural, quando se tem em mira a incansável ilusão humana. Ou a fé,

este estandarte que mesmo em frangalho faz a alma tremular ao indício de qualquer brisa.

Cristo perambula pelas aldeias. Sem cajado, mas dono do verbo revolucionário. Sua eloquência, herdada de Deus e testada anteriormente pelos profetas, bane a miséria e a injustiça do seu território moral. O trigo deve estar ao alcance do homem. Para tanto, banaliza o bem comum e censura aquele que descrê do ato transformador capaz, por si só, de substituir a carência pelos mananciais da fartura. Irmão do ho-

mem não é o que brame a palavra inconseqüente em mesquinha imitação dos gestos de Deus.

Este Deus, antigo protagonista da Bíblia, é de uma natureza essencialmente teatral. Inventou a terra, mas, em prol do livre arbítrio, deixou o espetáculo ao encargo da consciência do homem.

Cristo escuta os homens. A encenação da fome, levá-la ao palco da realidade, aviltaria os atores do próprio drama. Seu Deus exige provas públicas, sim, de fé, mas aposta na prática do seu milagre. Assim, Jesus convoca seguidores.

Para formar, quem sabe, a legião que se insurja contra a miséria em prol da multiplicação dos pães a cada difícil amanhecer. Para pisar o palco do cotidiano, gargalhar, soluçar, amar, esse adepto do Cristo deve aprender a inclinar-se ante os acordes da piedade que o coração anuncia. Ao som da trombeta, proclamar que, antes de Cristo, o próprio homem exigiu primeiro o direito aos recursos da vida. E quem lhe siga as pegadas desamarra os nós da indiferença, repudia a estética do canibalismo, que expurga feios, desdentados, miseráveis.

Ao seguir de perto o coração em chagas do Cristo, precisa rasgar as cortinas da casa, que vedam a luz, e abrir as portas do coração a machadadas. Espalhar assim a doçura e espantar o medo da morte. É o descaso pela vida que assopra os princípios da cobiça, da avareza. A agonia oriunda do ouro esquartera as ilusões.

O espírito desabrido, que Cristo estimula, apunhala os dias vãos, decepa as unhas de mandarim que cegam os olhos para que não se enxerguem os pobres, de gengivas descarnadas.

Enquanto se aguarda a totalidade do Cristo, os senhores do espetáculo da terra prevalecem. Para eles a verdade já não ofende. Deus não lhes cruza as portas. Guardam, à entrada da casa, os sinais do desprezo pelo próximo. O frio do desamor é o manto que os resguarda.

Os miseráveis da terra não levam em seus rostos os nossos rostos. Não espelham em sua humanidade o nosso ser. Somos, em tudo, antagônicos. Nós somos a espécie que Deus quis preservar. Eles, os miseráveis, os que merecem morrer. Só Jesus, oriundo da fé, aninha-se entre eles à espera do milagre. Cabe agora ao homem a coragem de multiplicar os pães e fazer afinal o seu primeiro milagre.

* Escritora.

A bomba suja

FERREIRA GULLAR *

Introduzo na poesia a palavra diarreia. Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia. Quem fala em flor não diz tudo. Quem me fala em dor diz demais. O poeta se torna mudo sem as palavras reais. No dicionário a palavra é mera idéia abstrata. Mais que palavra, diarreia é arma que fere e mata. Quem mata mais do que faca, mais que bala de fuzil, homem, mulher e criança no interior do Brasil. Por exemplo, a diarreia, no Rio Grande do Norte, de cem crianças que nascem, setenta e três leva à morte. É como uma bomba B que explode dentro do homem quando se dispara, lenta, a espoleta da fome. É uma bomba-relógio (o relógio é o coração) que enquanto o homem trabalha vai preparando a explosão. Bomba colocada nele muito antes dele nascer; que quando a vida desperta nele, começa a bater. Bomba colocada nele pelos séculos de fome e que explode em diarreia no corpo de quem não come. Não é uma bomba limpa: é uma bomba suja e mansa que elimina sem barulho vários milhões de crianças. Sobretudo no Nordeste mas não apenas ali, que a fome do Piauí se espalha de leste a oeste. Cabe agora perguntar quem é que faz essa fome, quem foi que ligou a bomba ao coração desse homem. Quem é que rouba a esse homem



A Petrobrás
produz diariamente
500 quilos de cenoura, beterraba,
salsa, alface, berinjela, abóbora,
ervilha, espinafre, repolho, tomate,
pimentão, aipim, quiabo, feijão
e vagem. E mais de 1.200.000
barris de derivados
de petróleo.



Com o projeto A Escola Planta e Colhe, a Petrobrás faz chover em muitas hortas. Ela fornece recursos para a compra de ferramentas e insumos, e incentiva alunos de comunidades carentes a plantar e colher. Atualmente são mais de 500 hortas produzindo cerca de quinze toneladas/mês de legumes e verduras.

Mas a Petrobrás não semeia apenas isso. Seu programa social abrange ainda as áreas de educação, saúde e habitação, com distribuição de material escolar, assistência ao menor, educação ambiental, prevenção contra as drogas, reconstrução de escolas e atendimento médico.

A preocupação social da Petrobrás tem

tudo a ver com a Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida. Porque nós achamos que tão importante quanto o abastecimento do país em derivados de petróleo é o resgate de 32 milhões de brasileiros da miséria em que se encontram.



Petrobrás-40 anos. Uma história brasileira de sucesso.

*Quem é que rouba a esse homem
o cereal que ele planta,
quem come o arroz que ele colhe
se ele o colhe e não janta.
Quem faz café virar dólar
e faz o arroz virar fome
é o mesmo que põe a bomba
suja no corpo do homem.
Mas precisamos agora
desarmar com nossas mãos
a espoleta da fome
que mata nossos irmãos.
Mas precisamos agora
deter o sabotador
que instala a bomba da fome
dentro do trabalhador.
E sobretudo é preciso
trabalhar com segurança
por dentro de cada homem
trocar a arma da fome
pela arma da esperança.*

* Poeta.

"COM MISÉRIA NÃO HÁ SAÚDE"

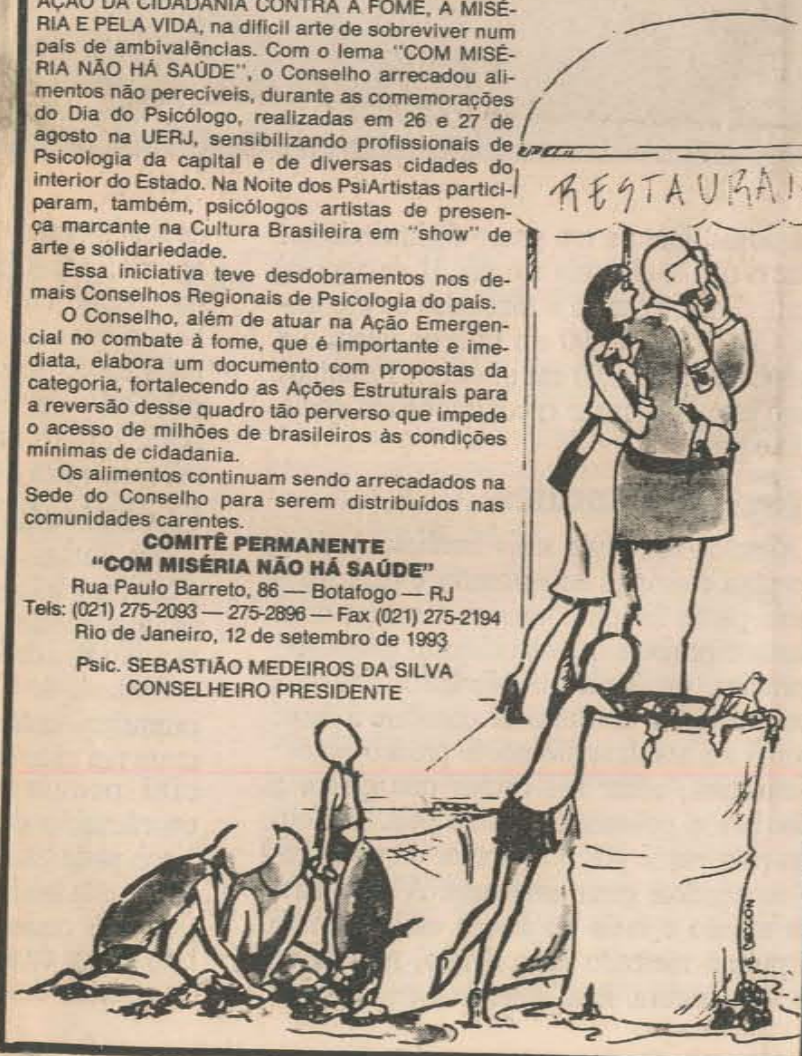
O CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO DE JANEIRO, integrado ao Movimento em Defesa da Saúde, vem mobilizando as demais entidades da área de Saúde para o engajamento na campanha da AÇÃO DA CIDADANIA CONTRA A FOME, A MISÉRIA E PELA VIDA, na difícil arte de sobreviver num país de ambivalências. Com o lema "COM MISÉRIA NÃO HÁ SAÚDE", o Conselho arrecadou alimentos não perecíveis, durante as comemorações do Dia do Psicólogo, realizadas em 26 e 27 de agosto na UERJ, sensibilizando profissionais de Psicologia da capital e de diversas cidades do interior do Estado. Na Noite dos PsiArtistas participaram, também, psicólogos artistas de presença marcante na Cultura Brasileira em "show" de arte e solidariedade.

Essa iniciativa teve desdobramentos nos demais Conselhos Regionais de Psicologia do país.

O Conselho, além de atuar na Ação Emergencial no combate à fome, que é importante e imediata, elabora um documento com propostas da categoria, fortalecendo as Ações Estruturais para a reversão desse quadro tão perverso que impede o acesso de milhões de brasileiros às condições mínimas de cidadania.

Os alimentos continuam sendo arrecadados na Sede do Conselho para serem distribuídos nas comunidades carentes.

**COMITÊ PERMANENTE
"COM MISÉRIA NÃO HÁ SAÚDE"**
Rua Paulo Barreto, 86 — Botafogo — RJ
Tels: (021) 275-2093 — 275-2896 — Fax (021) 275-2194
Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1993
Psic. SEBASTIÃO MEDEIROS DA SILVA
CONSELHEIRO PRESIDENTE



Fernando Sabino, João Antônio e
Ignácio de Loyola Brandão retratam
o horror da fome na cidade grande

FOME



Notícia de jornal

FERNANDO SABINO *

Lcio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, trinta anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro de cidade, permanecendo deitado na calçada durante setenta e duas horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos de comerciantes, uma ambulância do pronto-socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um ho-

mem) afirmou que o caso (morrer de fome) era da alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Médico Legal sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome.

Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa — não é um homem. E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum. Passam, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, per-

didado entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é da alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição, tombado em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, um homem morreu de fome.

Morreu de fome.

* Escritor.

Sem barulho

JOÃO ANTÔNIO *

Sobejava, assim, a pouca vergonha. Descalabro. A perversidade corria solta e sangrava à grande. Massacre após massacre, polícia no centro do redemoinho e só se sabia, pelas notícias, quem morria. Quem matava não aparecia.

O povo, antes, dizia. Agora, só pensava: "Urubu tá comendo gente".

Então, um homem morreu de fome na estação de ônibus. Um brasileiro como tantos, algoano, pouquinho mais de cinquenta anos e magreza áspera, na Rodoviária do Rio de Janeiro.

Um dos molambos da área, dos que costumam baixar cedinho à rodô e acabam, pela presença, velhos conhecidos da indiferença. Passa, sujo, caquerado, pelos funcionários, esbarra nos homens da Polícia Militar, atra-

palha o conforto relativo e o bem-estar dos passageiros à espera dos ônibus interestaduais.

Cedo. Veio trêmulo, troncho, o saco de farinha imundo e quase vazio às costas. Arriou na poltrona e sofreu quieto, a cabeça bandeu e pendeu um tanto para a esquerda e endureceu. De todo.

Ali apagou sem barulho. Tempo correu, alguém se encabulou com aquele corpo imóvel e continuado. Foi tocado. E deram com o morto. Descobriram-se coisas no saco imundo. Um nome na carteira profissional. Inútil, não tinha trabalho ou patrão. Tinha morrido à míngua, só feito Job. Sua sujeira e sua solidão eram de causar nojo.

Veio alguém com um saco de lixo, plástico preto. Um outro arranjou, cobriu o corpo da cintura para cima. Nem foi preciso que descruzassem os pés pretos dentro da sandália fuleira. Assim, o morto de fome, ensacado da cintura para cima, já não incomodava.

Os outros puderam, em paz, cruzar as pernas, ler, conversar, ir

e vir, enquanto esperavam o ônibus. Ele já não perturbava sequer a visão e a pressa da rodoviária, segunda grande do país.

Um Raimundo, descobriu a polícia. Com certeza nada ouviu ou soube ao redor da palavra solidariedade. Sujo, só alterava um pouco; depois, morreu de fome sem barulho. Também não fez agito depois de morto — não teve quem lhe reclamasse o corpo.

Raimundo, solteiro ou casado, morreu como nem os cachorros morrem na cidade.

Passou.

A cidade tem litoral rico e terra tão fecunda forneceria três colheitas todo ano, milho e feijão. A firme Bolsa de Valores do país, a poderosa emissora de televisão, o segundo produtor industrial do Brasil, o Carnaval maior festa popular do mundo, tem raio laser, computadores magníficos, infalíveis, uma ponte tão bonita e grande atravessa a baía. A cidade com alguns milhões de pessoas, chamada de muito heróica e gentil.

* Escritor.

Sacos de lixo

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO *

“Vocês precisam dar um jeito! Assim não é possível!

Precisa ver de onde vêm estes gatos ou cachorros. Devem ser de algum vizinho. Todas as noites, a mesma história! Os sacos de lixo estão despedaçados. Reclamei dos lixeiros, outro dia, quando vieram pedir caixinha. Eles disseram que é o mesmo, com todos os lixos da rua. Uma porcariada, fica difícil para eles também. Quando apanham os sacos, estão abertos, rasgados, dilacerados, metade cai pelo caminho.” Aconteceu, logo que nos mudamos para uma casa, na Aclimação, tranqüilo bairro classe média de São Paulo, ainda não contaminado pela violência. Crianças brincam numa pracinha, vizinhos ficam conversando na porta, carros dormem na rua, há um enorme parque com lago, onde, antigamente, foi o jardim de aclimação dos animais, antes de serem transferidos para o zoológico. As ruas eram limpas, tudo cuidado. Até que começou a aparecer o problema dos lixos rasgados. Terça, quinta e sábado são dias de o caminhão passar e recolher o lixo. Passa na madrugada, fazendo uma barulheira infernal. Na manhã seguinte à passagem do caminhão, a rua amanhecia cheia de porcaria. Todos começaram a reclamar. Mandaram cartas à empresa responsável pela coleta. Até que falaram com os lixeiros, numa tarde em que passaram para pedir caixinha. A indústria da caixinha é irritante. Da caixinha

ao suborno e comissões para políticos e administradores, tudo parece fazer parte do esquema de corrupção que assola o país. Mas o mistério era: os lixos rasgados. Vizinhos reunidos, decidiu-se: seria feito um turno de vigilância. Cada noite, dois homens estariam à espreita, até se resolver o caso.

Não foram necessárias muitas noites. Na primeira, um escondido atrás de uma árvore da praça e outro nos arbustos de um jardim, logo, solucionaram o caso. Que se mostrou de um primarismo que dispensava elocubrações à la Hercule Poirot ou Simenon. Assim que a rua se aquietou, eles surgiram. Eram dez. Vinham de pontos diferentes, mas pareciam ter programado. Chegavam com cuidado diante de cada casa, assuntavam, se havia alguma lâmpada acesa, passavam para a próxima. Eram meninos de seis a dez anos, se bem que ficava difícil dizer se o de seis não teria dez, ou o de dez não seria alguém de quinze. Magros, olhos fundos, cautelosos, chegavam nos sacos de lixo. Tentavam, primeiro, desamarrar a boca. Se estava complicado, rasgavam. E começavam uma autópsia, separando toda a porcaria que estava dentro. Latas, papéis, folhas. O que indicava ser resto de comida era apanhado e colocado numa lata de óleo, dessas de vinte litros. Compenetrados, parecendo técnicos especializados, sabendo o que queriam. Alguns não se continham, comiam ali mesmo

nacos de pão, restos de macarrão, chupavam ossos. Nenhum dos vigilantes teve coragem de sair de seu posto, dar um carregão. Estavam paralisados, chocados. Porque sabemos das coisas, lemos sobre elas, vemos na televisão, ouvimos conversas. No entanto, parecem distantes. E uma notícia em tevê vem pasteurizada, a imagem destrói a notícia, ela é fria. Outra coisa é olhar e ver, à sua frente, um bando de meninos, da idade de nossos filhos, se atirando furtivamente, e com medo, sobre sacos de lixo, em busca de comida. Se isto ocorre num bairro classe média de São Paulo - e de onde vêm estes meninos, quanto caminham pela noite? - imaginemos no resto do Brasil. Que formidável exército esfomeado percorre as ruas, à noite, enquanto deixamos sobras nos pratos e os restaurantes jogam comida no lixo. O desperdício mata a fome de quantos? E, assim, dia desses, fui tomado por um calafrio, ao olhar o relógio, cujo ponteiro de segundos fazia tic-tic-tic. Naquele momento me veio uma revelação, uma iluminação. Como que em neon vermelho, vi à minha frente uma outra notícia: a de que, a cada segundo, morre uma criança no Brasil. De fome ou de subnutrição. Como segurar aquele ponteiro maldito? E adiantaria segurar? E quando chegar o dia em que este exército esfomeado nos engolir? Nos devorar canibalescamente? Poderemos reclamar?

* Escritor.

**A viagem dos seus Sonhos
pode mudar a Realidade
de muita gente.**

Viajando pela Americatur, você estará contribuindo com a campanha de combate à fome e à miséria. Na compra de uma de nossas viagens, você ganha o disco do Projeto "Se Essa Rua Fosse Minha" e ainda contribui para ajudar os menores carentes. Entre voando na campanha de combate à fome e à miséria. Viaje com a Americatur e ajude a mudar o destino de muita gente.

americatur

Centro: 533-3622 • Copacabana: 235-5225